

A identidade racial de Maria Firmina dos Reis: sob a perspectiva da Análise do Discurso Foucaultiana e Feminismos Decoloniais

Janayne Pereira de Oliveira¹

RESUMO:

O artigo tem como finalidade analisar a relação de poder presente no discurso a partir da formulação de identificação da “mulher negra”, tendo como objeto o reconhecimento figurativo da romancista Maria Firmina dos Reis, apresentada na *Graphic Novel Jeremias Alma*. Desse modo, foi realizada uma revisão de literatura, por meio de livros, artigos e a Graphic Novel, trazendo a perspectiva foucaultiana. com diálogos aos estudos étnicos raciais em perspectivas decoloniais, o que se configura uma prática a busca de si, que leva a subjetivação, pois o processo conduz a autoanálise de suas condutas, postura, seu papel no seu contexto, ou seja, as relações corroboram para a reflexão sobre seu corpo e pensamento. Dessa forma, buscou-se evidenciar a relação de poder pela reflexão de raça e racialização por meio da construção da imagem, em que foi se modificando ao longo do tempo, mostrando a potência de sua cor. Por fim, concluí é necessário descortinar os discursos racistas disfarçados de democracia racial, buscando sempre a reflexão da identidade de um povo, e trazer esse olhar para o pluralismo, rompendo estereótipos e visando uma sociedade livre de preconceitos e senso comum.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Racialização. Maria Firmina dos Reis.

1. INTRODUÇÃO

“Aqueles que antes oprimias, hoje terás como irmãos”, a fala de Maria Firmina dos Reis (2004), ecoa sobre a existência um debate da cor da pele não branca geradas no Brasil, vem buscando espaço para que se venha desconstruir o conceito de democracia racial.

Nesse sentido, para compreender a construção da sociedade brasileira e o processo das relações em torno do conceito de colorismo, sobretudo o caráter estrutural, que perpassam pelo racismo e sexismo. Dessa maneira, torna-se necessário esclarecer o percurso em aspecto afetivo e político, no que tange a relação de poder constituída na

¹ Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e doutoranda em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4429-4568>.

constatação de racialização perpetuada no Brasil, sendo “aquilo que define uma relação de poder é um modo de ação que não age direta e imediatamente sobre os outros, mas que age sobre sua própria ação” (FOUCAULT, 2010, p.243).

De acordo com a problemática, levantou-se a seguinte questão: quais os discursos em torno da relação de poder que envolve a identidade de Maria Firmina, mulher negra brasileira?

Assim, o objetivo geral do artigo é analisar a relação de poder presente no discurso a partir da concepção de identificação da “mulher negra”, tendo como objeto o reconhecimento figurativo da romancista Maria Firmina dos Reis, apresentada na *Graphic Novel Jeremias Alma*². E os específicos, investigar a partir das reflexões foucaultianas com possíveis diálogos com o feminismo decolonial, a fim de evidenciar o processo de racialização, sexismo, identidade. Observar as vinculações de (re)existência da imagem da população negra, em debates críticos sobre subjetivação da concepção de ser belo e aceitável ao longo tempo. E, por fim, problematizar a construção da imagem da romancista Maria Firmina dos Reis e os modos de subjetivação das mulheres negras em relação à identificação de sua própria imagem.

A proposta de trabalho justifica a partir do lócus de enunciação de uma das pesquisadoras que em suas memórias da infância, diversos episódios vividos de racismo por conta do cabelo, sofrendo insultos raciais, deixando claro a violência e o trauma de ser colocada como “feia” ou “negra sarará”, entre outros termos pejorativos. Assim, busca-se ter um olhar científico sobre as questões que envolvem a construção dessa imagem da mulher negra.

A metodologia utilizada foi a revisão literatura, por meio de autores e suas obras, como Foucault (1983, 2008), Mignolo e Walsh (2018), Quijano (2005), Lugones (2014), Gonzalez (2020), Calça e Costa (2018, 2020), entre outros, buscando sistematizar a pesquisa.

2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

2.1 ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA

² *Graphic Novel Jeremias Alma*: “Rafael Calça e Jefferson Costa, os vencedores do Prêmio Jabuti 2019, na categoria Histórias em Quadrinhos, retornam ao Jeremias numa trama emocionante sobre ancestralidade, racismo, merecimento e histórias. Sejam elas fictícias ou de vida. O clássico personagem de Mauricio de Sousa ganha mais um capítulo de sua bela e forte releitura” (CALÇA; COSTA, 2020).

As reflexões foucaultianas compreendem o ato de enunciar e os poderes e perigos atrelados no simples gesto de falar, algo que o homem faz cotidianamente, assim o conceito permite identificar procedimentos que rodeiam e manipulam os discursos das sociedades, tendo como princípios centrais poder, liberdade e subjetividade, norteando formas de pensar e agir que possam ser capazes de lutar contra a opressão e dominação. Para Foucault (2008, p.55), “os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala”.

Desse modo, as concepções tecem em potencial aos processos de subjetivações dos sujeitos, que se definem por seu conceito de verdade assujeitado por certos discursos que determina suas práticas, o processo de subjetivação e objetivação ocorre em uma relação dinâmica estabelecida pelas maneiras de ser e estar, onde o “eu” ético reflete sobre suas ações, da mesma maneira que se deixa interferir dos discursos de outrem, ou seja, rejeitando ou concordando.

O argumento de Souza e Furlan (2018, p. 331) aponta que “o dispositivo histórico de poder, seria, dessa forma, a chave para o controle capilar dos corpos e subjetividades dos indivíduos, sejam eles considerados por si mesmos ou enquanto agrupamento social”.

Desse modo, os momentos históricos estão conectados aos diversos conjuntos temporais. Dessa maneira, “temos que conhecer as condições históricas que motivam nossa conceituação. Necessitamos de uma consciência histórica da situação do presente” (FOUCAULT, 1983, p. 209). Nesse sentido, o discurso que indicamos para análise corresponde as formações discursivas foucaultiana que envolvem as questões étnico-raciais e de gênero passado no país, em destaque os discursos que envolvem as mulheres negras.

2.2 FEMINISMO DECOLONIAL

Como já mencionado, na concepção teórica foucaultiana a ação humana está vinculada à utilização do discurso. Desse modo, os enunciados (orais, escritos ou imagéticos) configura-se como tipo de linguagem, maneira essa de expressar, expor pensamentos e emoções por meio das palavras ou imagens.

A discussão em torno do sujeito no discurso, ocorre por uma “sociedade do discurso, ligadas uns aos outros, distribuída em sujeitos que falam nos diferentes tipos

de discursos, intercorrendo a apropriação por certas categorias de sujeitos” (FOUCAULT, 2009, p.44), na qual, o sujeito toma consciência da sua condição e desenvolve a racionalidade. Dessa maneira, permite a (re)construção das identidades sociais, e nesse construto que a perspectiva decolonial dialoga, sugerindo especialmente na América Latina como uma “perseverança e autodeterminação de nações e povos visíveis, e sua presença e soberania intelectual como protagonistas sociais e sujeitos históricos e políticos”³(MIGNOLO; WALSH, 2018, p.39).

Desse modo, compreender o projeto decolonial implica fazer uma reflexão crítica do percurso histórico no que corresponde a modernidade/colonialidade (QUIJANO,2005). Em busca de novas rotas comerciais, as expansões marítimas europeia invadiram territórios até então desconhecidos, espanhóis e portugueses adentraram e instauraram políticas de exploração. Essa acepção de processo colonial de barbárie levou ao massacre de vários povos nativos.

Nas palavras de Mignolo (2007, p. 28), “a América nunca foi um continente a ser descoberto, mas uma invenção forjada durante o processo da história colonial europeia e da expansão das ideias e instituições ocidentais”. Na perspectiva de expandir suas conquistas, os europeus ampliam seu império nos continentes da África e da Ásia. Sob o prisma religioso da salvação, institui seu sistema moderno/colonial, que estima o patriarcado, o cristianismo, o capitalismo e o racismo.

A ideologia colonial que perdura na América Latina, funda-se pela matriz colonial de poder, ser e saber (QUIJANO,2005), na qual a ideologia de dominação presente nesse território reforça o controle político, econômico, epistêmico, de gênero, sexual e da subjetividade. Em sintonia com essa ideia, Foucault (2009, p.36) ressalta “no controle dos discursos: impõem certo número de regras de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles”, dessa maneira, que interfere na vivência do sujeito colonizado e racializado.

Isto posto, salienta a colonialidade do poder (QUIJANO, 2005), que denota as relações de poder traçada entre colonizador e colonizado, fundamentada pela categorização de raça, criada para defender o rebaixamento entre seres humanos. O autor salienta ainda que “os colonizadores codificaram como cor os traços fenotípicos

³ Original: “perseverance and self-determination of visible nations and peoples, and their presence and intellectual sovereignty as social protagonists and historical and political subjects”.

dos colonizados e a assumiram como a característica emblemática da categoria racial” (QUIJANO,2005, p.107).

A colonialidade se articula por meio da matriz colonial de poder, que define seus diferentes modos de funcionamento, em que “as esferas interrelacionadas da matriz colonial de poder operam no nível do enunciado, enquanto o patriarcado e o racismo estão fundamentados na enunciação” (MIGNOLO; VEIGA, 2021, p. 29). De certa forma imbricada nas práticas coloniais, como a escravização humana, para mão de obra aos serviços braçais e domésticos. Como argumento de tal ato, a Europa usou subterfúgios epistêmico e religioso de humano com alma e sem alma, de civilização avançada e selvagem (citando aos europeus e não europeus, especialmente). A concepção dessa estrutura prejudicou todos que não são brancos, principalmente as pessoas pretas africanas.

O discurso eurocêntrico que segue o conceito de racialidade tem sido discutido amplamente por autores do Sul Global, momento esse denominado por alguns como pós-modernidade, em tempos contemporâneos que indagam as relações de poder, ressignificação de discursos e novas perspectivas de mundo. Outrossim, autores decoloniais sugerem modificações imediatas e significativas, ou seja, considerando outras epistemologias.

Na América Latina, esse momento foi intitulado por alguns estudiosos como “giro de-colonial” (MALDONADO-TORRES, 2007, p.159), corresponde em uma corrente de resistência teórica e prática, política e epistêmica, ao conceito de modernidade/colonialidade. Por sua vez, a decolonialidade aparece “como um espaço para o desenvolvimento de teorias críticas que não se encaixam numa história linear de paradigmas modernos” (VERONELLI, 2021, p. 82-83). Outrossim, concebe a problematização e a ressignificação de leituras únicas presentes nos discursos.

O princípio do pensamento decolonial permite questionar as questões de raça, gênero, classe, entre outras categorias sociais. Em sintonia com essa ideia, a autora Walsh (2013) menciona a descolonização como um movimento para desfazer a colonialidade, que requer uma luta árdua e prolongada, mas traz esperança aos povos caribenhos, norte-americanos, afrodescendentes brasileiros e africanos, sujeitos esses impactados pelo sistema colonial.

Nesse construto, a decolonialidade consolida-se como “uma forma de luta e sobrevivência, uma resposta e prática epistêmica e baseada na existência –

principalmente de sujeitos colonizados e racializados – contra a matriz colonial de poder em todas as suas dimensões”⁴ (MIGNOLO, WALSH, 2018, p. 17).

No campo específico, o pensamento feminista decolonial (LUGONES, 2014; GONZALEZ, 2020) discute a colonialidade do gênero, apontando a relação de poder sistema de gênero moderno/colonial. Visa reivindicar a emancipação das mulheres invisibilizadas pelo sistema colonial, cuja decorrência foi “o esquecimento ativo de uma história pontuada pelo sofrimento, pela humilhação, pelo genocídio, aponta para uma perda de identidade própria” (GONZALEZ, 2020, p. 123).

Tal conceito propõe reflexões e práticas, antirracista, antipatriarcal e anticapitalista, exercício para pessoas brancas e não brancas, possibilitando a denúncia e a clareza das estruturas coloniais existentes nas sociedades atuais. Isso requer o entendimento em que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar” (FOUCAULT, 2009, p.10).

Dessa maneira, o feminismo decolonial busca “mostrar o potencial que as comunidades dos/as oprimidos/as têm, entre si, de constituir significados que recusam os significados e a organização social, estruturados pelo poder” (LUGONES, 2014, p. 940). Seguindo esse princípio, esse conceito parte de lutas epistêmica, política, alicerçadas na resistência, em especial a população indígena e negra. Por isso, a decolonialidade auxilia as lutas sociais e os movimentos, tal como, o ativismo feminista negro, que divulga “as experiências vividas pelas mulheres negras e pretende mudar essas experiências para melhor” (COLLINS, 2019, p. 77), que destaca as lutas pelos direitos civis e a equidade, exalta a ancestralidade e a diversidade cultural, religiosa.

Nesse cenário, o ativismo feminista negro, articulado a decolonialidade, exige a autonomia das mulheres negras, por meio, de atitude crítica para as causas sociais, culturais e políticas, também “divulgando a produção intelectual de mulheres negras, colocando-as na condição de sujeitos e seres ativos” (RIBEIRO, 2017, p. 18). Desse modo, destaca a magnitude dos movimentos de mudanças que advém das práxis decoloniais⁵, oportuniza expor a função social que cada sujeito age diante a sociedade e o mundo.

⁴ Original: “a form of struggle and survival, an epistemic and existence-based response and practice – mainly of colonized and racialized subjects – against the colonial matrix of power in all its dimensions”

⁵ Práxis Decoloniais: “práxis desvendam o domínio da modernidade/colonialidade; engendrar libertações no que diz respeito ao pensar, ser, conhecer, compreender e viver; estimular espaços de re-existência e construir conexões entre regiões, territórios, lutas e povos” (MIGNOLO; WALSH, 2018, p. 17).

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO

3.1 JEREMIAS E FAMÍLIA

Para entender em que momento o objeto de análise mostra-se na *Graphic Novel Jeremias Alma* (2020), necessário compreender o percurso do protagonista da HQ, Jeremias, um dos primeiros personagens criados pelo cartunista Maurício de Souza, autor do universo das histórias em quadrinho mais popular no Brasil titulado como Turma da Mônica, ambiente em que o personagem Jeremias aparece em diversos momentos.

Entretanto, somente em 2018 foi figura central da história em quadrinhos da célebre MSP- Mauricio de Souza Produções, a *Graphic Novel Jeremias Pele* (2018), produzida por dois homens negros, Rafael Calça e Jefferson Costa, retratando alguns momentos vivenciados pelos autores. Mauricio de Souza expõem, que “na construção do roteiro, os autores conversaram muito, pinçando situações e sentimentos pelos quais realmente passaram na infância” (CALÇA; COSTA, 2018, p. 89). Nas discussões tecidas, o personagem Jeremias, oriundo de família negra, a obra perpassa em torno do racismo infanto-juvenil sofrido pelo protagonista, outrossim, o racismo e preconceito contra o pai e o avô.

No ano de 2020, é lançada a *Graphic Novel Jeremias Alma* (2020), na qual, é exposto o retorno da família de Jeremias para a cidade do Limoeiro. Em prisma, a obra busca a ancestralidade, por meio da relação da representatividade da mulher negra e sua história, sendo possível observar na obra, em diversos momentos, a valorização de algumas figuras negras, que contribuíram para a luta contra o racismo, como: Chadwick Boseman, ator que representou o personagem dos quadrinhos Pantera Negra, Jogador de Basquete Bode Bryant. Entre as mulheres, foram representadas a escritora Conceição Evaristo, a Engenheira Enedina Alves, a Atriz Viola Davis e a nossa personagem em análise, a escritora brasileira Maria Firmina dos Reis, na qual causa estranhamento aos leitores sua imagem aparecer duas vezes com aspectos diferentes.

3.3 MARIA FIRMINA DOS REIS

Original: “praxis unveils the domain of modernity/ coloniality; engender liberations with regard to thinking, being, knowing, understand and live; stimulate spaces of re-existence and build connections between regions, territories, struggles and peoples” (MIGNOLO; WALSH, 2018, p. 17).

Maria Firmina dos Reis foi à primeira escritora negra brasileira, nascida em 1822, no estado do Maranhão, foi fruto de uma miscigenação, pai negro e mãe branca. Em um período escravista no Brasil, momento esse que influenciou em suas escritas e vivências, exerceu a profissão de educadora com muita maestria, criando uma escola com a integração de meninos e meninas (SCHWARCZ, 2019).

Diante disso, é possível observar que as obras de Maria Firmina dos Reis retratam as indignações sobre o tratamento desumano aos escravizados e o apagamento da população negra, denotando a relação de poder que o homem branco colonizador tinha e mantém essa população. Fora também percebida como ativista antiescravista, visivelmente presente em suas escritas, em que “o assunto negro a partir de uma perspectiva interna e comprometida politicamente em recuperar e narrar à condição do ser negro em nosso país” (DUARTE, 2009, p. 277).

Como já mencionado, assim como o apagamento da história da população negra em nosso país, a obra da escritora também foi ignorada por muitos anos. Por sua vez, a obra “Úrsula” (2004), foi resgatada em um sebo, desempenhando papel importantíssimo na discussão referente ao racismo no Brasil. A partir desse viés, a escritora Maria Firmina dos Reis recebe a tão merecida importância no cenário da literatura, fato combinando ao feminismo decolonial, “colocando a figura da mulher negra como um ser-em-si, um ser-para-si ou um vir-a-ser, um prospecto de assunção, pela desconstrução de si mesma e a construção de uma nova identidade” (LIMA & BORGES, 2018, p 203).

4. A IMAGEM DA MARIA FIRMINA – A IDENTIDADE E OS DISCURSOS DE PODER

A discussão para essa análise permeia pelas relações de poder discursivas presentes nos enunciados imagéticos, por meio dos conceitos levantados pelos autores Courtine e Haroche (1988), caracterizando que o rosto fala, onde os traços, expressões e gestos observados do homem social denotam civilidade ou boas maneiras. Dessa maneira, compreende-se que o processo colonial trouxe a normalização e padronização de rosto branco, de traços finos, aquele sendo aceitável ou tolerável, dando sentido de divisão e exclusão de sujeitos sociais em que são atribuídos ao seu rosto, cara ou face um valor, que depende de seus traços físicos, cor da pele e tipo de cabelo.

Nessa perspectiva, a imagem que perpetuou por século da romancista Maria Firmina dos Reis, sabendo de sua biografia notadamente seria um rosto inverídico, no

entanto, não foi deixado nenhum retrato ou pintura de sua face, o que prevaleceu foi à imagem padrão do país colonial, presente no canal oficial da Fundação dos Palmares, que para uma mulher bem instruída sua estética deveria ser retratada como uma mulher branca, sem considerar os fenótipos de uma pessoa negra miscigenada.

Imagem 1: Personalidade Negra Fundação do Palmares - Maria Firmina dos Reis



Fonte: Palmares.gov.br

De acordo com Souza (2017, p. 28) “o mito da democracia racial estabeleceu no país um sentimento de identidade nacional brasileira que permitisse algum “orgulho nacional” como fonte de solidariedade interna”. Dessa maneira, identificar-se, racialmente no Brasil é mais difícil do que se pensa, nem preto, nem branco, é miscigenado ou misturado.

Nessa distinção entre negros claros e escuros, elemento suficiente para desacreditar o reconhecimento identitário pelos traços afrodescendentes, desmobilizando a união em torno da luta antirracista. Aspecto que revela um país taxado por um racismo singular, é negado, praticado no convívio, “trata-se de refutar a ideia de um sujeito universal — a branquitude também é um traço identitário, porém marcado por privilégios construídos a partir da opressão de outros grupos” (RIBEIRO, 2019, p. 17).

No Brasil, o preconceito racial é mais complexo que está nítido nos números, Nogueira (2007, p.296), aponta que “a variação do preconceito varia em proporção direta aos traços negróides”, ou seja, quanto mais escura a cor da pele, mais racismo e preconceito lhes são atribuídos. Assim como, quanto mais clara a pele e os traços finos, mais privilégios são assegurados. Nesse contexto, “o sujeito é colocado em relações de significação, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas”

(FOUCAULT, 1985, p.23). Desse modo, o processo de identificação de negros e negras em torno do racismo estrutural, alia-se ao ato de embranquecimento, no intuito de obter privilégios ou não se expor ao sofrimento do desprezo.

A segunda imagem, um quadro apresentado na cidade Guimarães, no estado do Maranhão, em que a escritora viveu e exerceu a profissão de educadora, criando uma escola mista, na qual, ela representava em suas obras, os cenários do processo escravista brasileiro.

Imagem 2:Romancista Maria Firmina dos Reis



Fonte:O Estado do Maranhão

Nesse contexto, como fruto de uma miscigenação, a imagem denota informações concisas com a biografia da escritora, conforme expõem Schwarcz (2019) apresentando uma expressão séria de uma jovem negra, que teria caminhos tortuosos a percorrer, argumento evidência “uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidade possíveis” (FOUCAULT, 2008, p. 98).

Como já mencionado, no cenário brasileiro infelizmente a indicação da raça atrelado a cor da pele, torna-se elemento determinante para estar exposto a tratamento diferenciado em diversos ambientes, sejam públicos ou privados, sendo eles apreciados de forma negativa, violando a dignidade da pessoa humana. No trecho aludido, Djamila Ribeiro (2019, p. 7) ressalta, que “o racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato da vontade de um indivíduo. Reconhecer o caráter estrutural do racismo pode ser paralisante”.

O próximo rosto é, a primeira imagem da escritora Maria Firmina dos Reis apresentada na *Graphic Novel Jeremias Alma (2020)*, homenageada entre diversos artistas e ativistas antirracistas conhecidos nacional e internacionalmente.

Imagem 3:Romancista Maria Firmina dos Reis



Fonte: Jeremias Alma (2020, p.58)

Assim, a relação de poder que os autores expressam sobre sua obra, indicam os traços marcantes de fenótipos negróides⁶, protagonizam o amadurecimento da mulher negra, rica em ensinamento e vivências, dando amplitude às perspectivas decoloniais que potencializam os saberes ancestrais.

Nessa entender de Lélia Gonzalez (2020):

Feminismo negro no país, quando está em curso um processo de valorização e reconhecimento da trajetória e da produção intelectual de ativistas negras brasileiras. Esse processo vem de longe e resulta de acúmulo, lutas e engajamentos que ocorreram em múltiplos campos nos quais o trabalho intelectual (GONZALEZ, 2020, p. 361).

Desse modo, é por meio do discurso, que o processo dinâmico de relação de poder se transforma “coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos” (FOUCAULT, 2008, p.84), discursos esses que abarcam as relações étnico-raciais com a valorização e protagonismo da mulher negra.

A última face, também o mais que espante é da romancista Maria Firmina dos Reis, apresentada novamente na *Graphic Novel Jeremias Alma (2020)*, inspirando esta pesquisa, causando questionamentos em torno de um rosto atribuída tantos contrastes estéticos.

Imagem 4: Romancista Maria Firmina dos Reis



⁶ Negróides: “Originários da África, crespo, nariz largo e geralmente achata

marcante é a pele escura, cabelo cacheado e

Fonte: Jeremias Alma (2020, p.59)

Em primeira instância, a imagem mobiliza-se ao protagonismo feminismo negro, representando engajamentos de lutas de mulheres negras que lutaram pelo coletivo na garantia de direitos, assim como cita Maria Firmina dos Reis na obra *Úrsula* (2004, p.14) “ não a desprezeis, ante amparai-a nos seus incertos e titubantes passos para assim dar alento a autora de seus dias, que talvez com essa proteção cultive mais o seu engenho”.

Na mesma linha de raciocínio, entende-se “quantos talentos o Brasil perde todos os dias por causa do racismo? A situação é ainda mais grave para mulheres negras”, (RIBEIRO, 2019, p. 29) situação essa que necessita descortinar os sujeitos aos efeitos da colonialidade, de exploração e opressão.

Nessa ótica, a concepção da linguagem é posta como processo de interação, na qual a função da língua é realizar ações sobre o outro. Que para Foucault (2009), “um sentido que nossa linguagem precisa apenas fazer manifestar-se”, por isso ela se manifesta por meio do discurso presente nos textos, dentre esses estão as histórias em quadrinhos.

Nas considerações de Eisner (2005),

A função fundamental da arte dos quadrinhos, é comunicar ideias e/ou histórias por meio de palavras e figuras, envolve o movimento de certas imagens (como pessoas ou objetos) no espaço. Para lidar com a captura ou o encapsulamento desses eventos no fluxo da narrativa, eles devem ser decompostos em segmento sequenciados. Esses segmentos são chamados de quadrinhos (EISNER, 2005, p. 39).

O excerto a seguir, articula elemento de ler e interpretar discursos presentes na *Graphic Novel Jeremias Alma (2020)*, texto que traz multiplicidade de linguagem e produzindo efeito de sentido, por meio das expressões dos autores representadas nas faces analisadas, em que a “prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma”

(FOUCAULT, 2008, p. 205), ou seja, a relação de poder manifesta-se a partir do momento que o discurso é expresso, estar atento a expor as demandas das margens.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa investigou a atuação envolto de saber e poder dentro do discurso, a partir da formulação de identificação da “mulher negra”, tendo como objeto o reconhecimento figurativo da romancista Maria Firmina dos Reis, apresentada na *Graphic Novel Jeremias Alma (2020)*.

Assim, a pesquisa foi desenvolvida a partir da construção de sentido, expressas no discurso imagético, uma vez que as relações de poder foram denotadas em cada face. Tendo em vista as problematizações esboçadas, acarretam para o pertencimento naquele espaço ou grupo, outrossim, viabilizando o direito da escritora Maria Firmina dos Reis ser vista como é ou deveria ser, bem como sua existência, haja vista que o saber proporciona autonomia para discutir assuntos emergentes, ocorrendo uma mobilização de seu lugar.

Dentre as condições de possibilidades foi problematizado por meio do aporte teórico foucaultiano, com diálogos aos estudos éticos raciais em perspectivas decoloniais, o que se configura uma prática a busca de si, leva a subjetivação, pois o processo conduz a análise para múltiplos significados, retratando o contexto, na qual as relações corroboram para a reflexão sobre seu corpo e pensamento.

Dessa forma, buscou-se evidenciar a relação de poder pela reflexão de raça e racialização por meio da construção da imagem, em que foi se modificando ao longo do tempo. Assim, a primeira foto mostra a Maria Firmina dos Reis branca, um ideário imagem padrão do país colonial, retrato inverídico, que perpetuou por século. A segunda foto, a apresenta como uma mulher negra, possivelmente o imaginário a vê como fruto de uma miscigenação. Como já mencionado, a terceira e quarta foto surgem como mulheres negras, no entanto, notoriamente com expressões faciais distintas.

Nas discussões tecidas, não foi possível identificar o que prevaleceu nas características fenotípicas da escritora, se os traços de seu rosto eram finos ou negroide, pele mais clara ou escura, cabelo crespo ou liso.

As reflexões tecidas neste artigo, apontou que a subjetivação e objetivação em torno do reconhecimento identitário no Brasil, é atravessado por discursos de dominação, difundido pelo sistema colonial.

Isto posto, torna-se urgente descortinar os discursos, a partir dos conceitos decoloniais, buscando a reflexão da identidade e trazer esse olhar para a pluralidade de sujeitos, rompendo estereótipos e visando uma sociedade livre de preconceitos e senso comum.

**The racial identity of Maria Firmina dos Reis under the perspective of Discourse
Analysis**

ABSTRACT:

The article aims to analyze the power relationship present in the discourse from the formulation of identification of the “black woman”, having as its object the figurative recognition of the novelist Maria Firmina dos Reis, presented in the Graphic Novel *Jeremias Alma*. In this way, a literature review was carried out, through books, articles and the Graphic Novel, bringing the Foucauldian perspective. with dialogues to ethnic-racial studies in decolonial perspectives, which configures a practice of searching for oneself, which leads to subjectivation, as the process leads to self-analysis of their conduct, posture, their role in their context, that is, the relationships corroborate for reflection on his body and thought. In this way, we sought to highlight the power relationship through the reflection of race and racialization through the construction of the image, which was modified over time, showing the power of its color. Finally, I concluded that it is necessary to uncover racist discourses disguised as racial democracy, always seeking to reflect on the identity of a people, and bring this perspective to pluralism, breaking stereotypes and aiming at a society free of prejudice and common sense.

KEYWORDS: Speech. Racialization. Maria Firmina dos Reis.

REFERÊNCIAS:

- CALÇA, Rafael; COSTA, Jefferson. **Jeremias – Pele**. Barueri, SP: Panini Books, 2018.
- CALÇA, Rafael; COSTA, Jefferson. Graphic MSP: **Jeremias - Alma**/ roteiro por Rafael Calça; arte por Jefferson Costa. – Barueri, SP: Panini Brasil, 2020.
- COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro**: conhecimento consciência e a política do empoderamento. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. p. 77.
- COURTINE, Jean-Claude; HAROCHE, Claudine. **História do rosto**: exprimir e calar as suas emoções (do século XVI ao início do século XIX). Lisboa: Editora Teorema, 1988.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Mulheres marcadas: literatura, gênero e etnicidade. Terra roxa e outras terras** – Revista de Estudos Literários. v. 17, p.6-18. dez. 2009.
- EISNER, Will. **Narrativas Gráficas**. São Paulo: Devir, 2005.
- FOUCAULT, M. (2004). A escrita de si. In M. B. Motta (Org.), **Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política** (E. Monteiro, I. A. D. Barbosa, trad., pp. 144-162). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1983).
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III: o cuidado de si**. Tradução de Maria Theresa da Costa Albuquerque, revisão técnica de José Augusto Albuquerque. Edições Graal: Rio de Janeiro, 1985.
- FOUCAULT, Michel. 1926-1984. **Ética, sexualidade, política**/ Michel Foucault; organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta; tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barros. 2. Ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, - 7ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, Hubert I, e RABINOW, Paul. Michel Foucault, uma trajetória filosófica. 2. ed., ver. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaios, intervenções e diálogos**. Org. Flávia Rios e Márcia Lima, Editora Zahar, 2020.
- LIMA, Francisco Renato, BORGES, Vanessa Raquel Soares. **Discursos de letramento na construção identitária da mulher negra nordestina em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis- Revista Todas as Musas**. Ano 09 Número 02, p. 201 – 2019, jan. – jun. 2018.

LUGONES, María. **Rumo a um Feminismo Decolonial**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez., 2014.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto**. In.: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón. (ed.). El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

MIGNOLO, Walter. **La idea de América Latina**. Barcelona: Editorial Gedisa, S.A., 2007.

MIGNOLO, Walter. **Género Descolonialidade**. - 1ª Ed.- Buenos Aires: Del Signo, 2008.

MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine E. **On decoloniality concepts analytics práxis**. Duke University Press, Estados Unidos da América, 2018.

MIGNOLO, Walter D. **Epistemic Disobedience**, Independent Thought and Decolonial Freedom. Theory, Culture and Society, [s. l.], v. 26, ed. 7-8, 2009, p. 1-23. Tradução de VEIGA, Isabella. Revista X, v. 16, n.1, p. 24- 53, 2021.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e preconceito social de origem**, **Tempo Social**, São Paulo, v.19, n.1, p. 287-308, 2007

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, E. (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: Conselho Latino-americano de Ciências Sociais – CLACSO, p. 107-130, 2005.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

RIBEIRO, Djamila, **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017.

RIBEIRO, Djamila, **Pequeno Manual Antirracista**. Companhia das Letras, São Paulo - SP, 2019.

SCHWARCZ, Lili. **Biografia/ Maria Firmina dos Reis**: Maria Firmina dos Reis pode ser considerada a primeira escritora negra do Brasil. Publicou poemas, contos e livros, sendo “Úrsula” (1859) a sua obra mais conhecida. 29 de ago. de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UmlcAf3I9sM&t=1s> Acesso em: 08 fevereiro 2023.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. - Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, Pedro Fernandez; FURLAN, Reinaldo. **A questão do sujeito em Foucault**. Psicologia USP, v. 29, n. 3. P. 325-335, 2018.

STEINER, Denise. As influências raciais e a pele. Faculdade de Medicina de Jundiaí/SP, maio/junho, 1996. Disponível em: <https://www.cosmeticsonline.com.br/noticias/detalhes-colunas1/67/161>. Acesso em: 10 Abril 2023.

VERONELLI, Gabriela. **Sobre a colonialidade da linguagem**. Revista X, v. 16, n. 1, p.80-100, 2021.

WALSH, Catherine E. Introducción. **Lo Pedagógico y lo Decolonial**: Entretejiendo caminos. In: WALSH, C. (ed.). Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito: Ediciones Abya-Yala, p. 23-68, 2013.